piranga

2031

SEC-39592
-2.181-

Hemeterio Cabrinha

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

VEREDA ILUMINADA

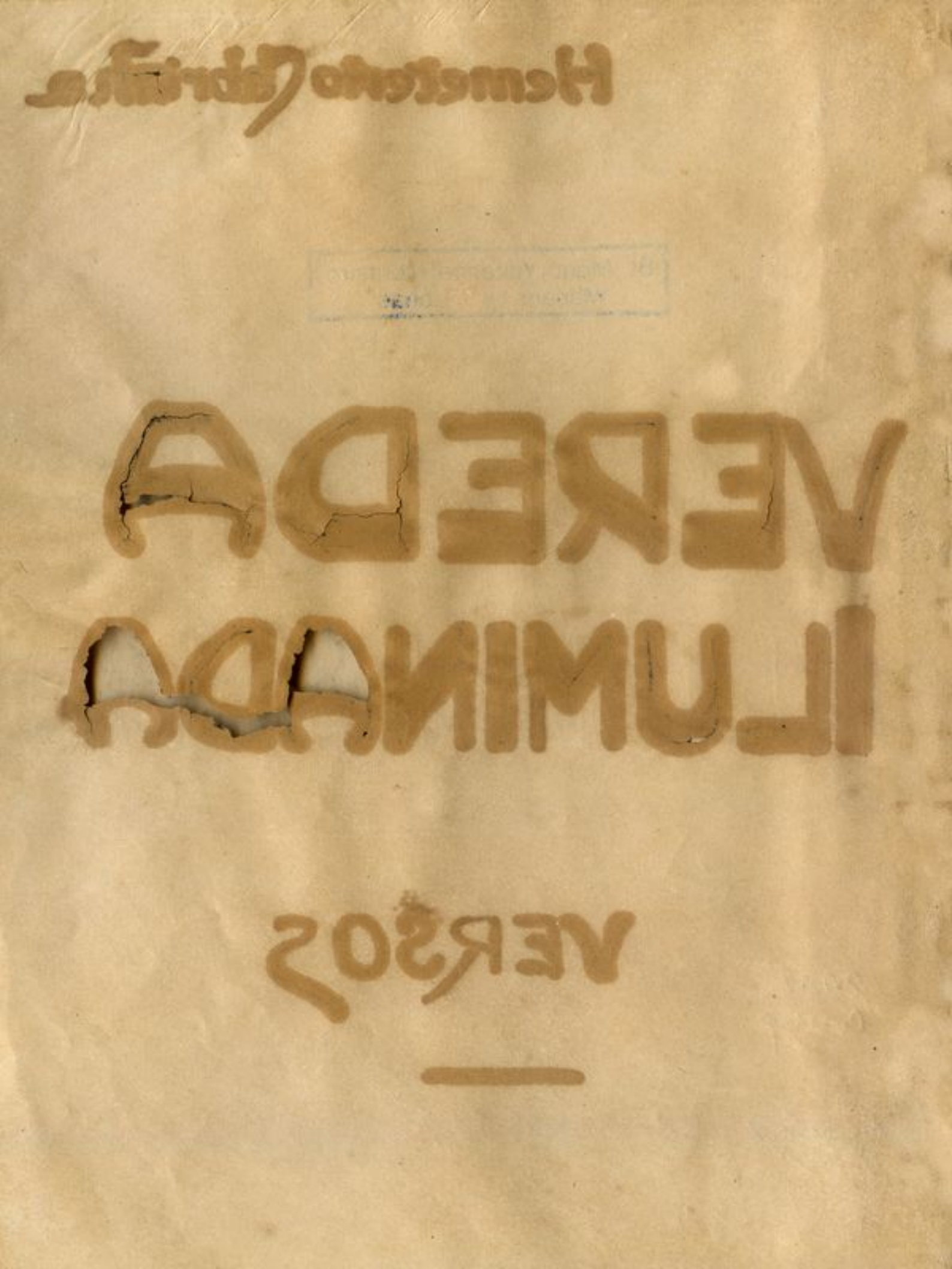
2031

VERSOS

2031
Comp

Amn
B869.1
C117v

Manaus - 1932
Oficinas da Imprensa Pública
"Diário Oficial"



Cafera
1025

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 01454
Folha:
Data:

Dentro da Vida

Êste exemplar pertenceu ao poeta Henrique Cabrita, que mo ofertou

M. T. Monteiro

Aos cidadãos illustres

Alfredo Augusto Ribeiro Junior

Alvaro Botelho Maia

e

Antonio Rogerio Coimbra

esta pagina de reconhecimento
e gratidão.

A VOZ DA RAÇA

Livre ! Guardando o sól nas pupilas ardentes,
Trago a terra a crescer nas minhas energias.
Tenho o sangue a escaldar as minhas veias quentes
E o amor nativo a iriar-se em novas ardentias !

Cavalgando o corcel dos sonhos immanentes,
Percorro — o olhar em fogo, a mente em rebeldias —
Planicies, alcantis, valles e serranias,
Vendo em tudo o brotar de doiradas sementes.

Aqui, machinas de aço a mastigar o sólo !
Além, as chaminés nas vastidões escampas
Incensando o "CRUZEIRO" aos bafejos de Eólo...

E livre, e forte, e audaz, sem me sentir exangue,
Tenho todo o BRASIL — do Amazonas aos Pampas —
No rejuvenescer ardente do meu sangue !...

Não cantes...

Soneto

Não cantes, não, se o teu cantar pudesse
Dar alento a esta alma amargurada,
Pia cantares erguia-te uma prece,
— Hortia benta a luz fluxa da alvorada!

Não cantes, a ironia transparece
No teu cantar, tua rouxinolada
Voz tortura a minha alma que padece
E vive sempre louca, desvairada...

Fim

Em, 12-9-41.

D. Coutinho

BROQUEL

Ergo aos céos minha dor, bemdizendo a chimera
De ser forte de mais em meu destino avesso.
Se a existencia me dóe, canto e, a cantar, esqueço
A afflição passional que nos fracos impera.

De que serve chorar ? ser fragil como o gesso
E ter, dentro, enjaulado, um coração de fera ?
Quem bemdiz o soffrer uma alegria espera...
Eis porque minha angustia aos outros offereço.

Gargalho, canto, rio... á dor me não inclino...
Tecendo madrigaes ao fero soffrimento,
Sinto que sou feliz dentro do meu destino.

Sou forte ! Na illusão de ser forte me expando,
Bemdizendo a esperança, o riso, o sentimento
De quem nasce a chorar para viver cantando.

GOTTAS DE FEL

E' da angustia que vem toda a visão radiosa
Dos meus dias de luz, de febre e devaneio.
Dias sentimentaes. A alma, como uma rosa,
Abre-se perfumando o pantano do seio.

E vibra, e sobe, e vem aos olhos, luminosa,
Das palpebras rasgando o lacrimoso veio;
Gottejando de fél a chamma silenciosa
Que sinto crepitar nos momentos de anceio.

E' da angustia que vem os meus dias felizes!
Gottejem sangue, embora, as velhas cicatrizes
Abertas, já nem sei, de um passado sem norte...

Mas, se a vida é um bordel de dores e maldade,
Oh! como sou feliz nesta infelicidade,
Descendo, a cada instante, um degrau para a morte!

INTERROGAÇÃO

Não sei de onde provim, nem para onde sigo !
Ora invejando a luz, ora buscando a treva !
Vendo atraz o perigo e defronte o perigo,
Numa ambição mordaz que me estaca e me eleva.

Lucto ! Soffro afinal para ver se consigo
Saber porque nasci e onde a vida me leva ?
Embalde ! A maldizer aquillo que bemdigo,
Conservo sempre accesa a exaltação primeva.

A carne pede gozo, a alma um retiro pede.
Se emmudeço na dor, meus olhos dizem tudo.
Amo ! porém, o amor de o conhecer me impede.

E assim na insipidez de meu destino vou
Cantando... revelando inteiramente mudo,
A imagem do que fui para saber quem sou !

SER NÃO SER

Homem ! Queres subir ? Desce primeiro ao fundo
Occulto de teu ser ! Ausculta, sonda, observa
Todas as cousas reaes ou vãs, — essa caterva
Feita com o mesmo pó, com que é feito o Mundo.

Desce ! Desce e verás nesse antro nú, profundo,
Tudo quanto em ti mesmo a vida oscula e enerva;
Desde o claro crystal á amêba que conserva
O principio do qual és o fim oriundo.

Depois... descança e te abre aos teus proprios sentidos,
Para sentires bem em teu "EU" embebidos
Os duendes do instincto em turbilhão maldicto.

Domina-os ! e depois em teu isolamento
Pensa que apenas és, em teu rude elemento
Um átomo de pó perdido no infinito.

HOMEM LOBO DO HOMEM

Homem ! has de ser sempre o eterno incontentado
No tremendo fragor dos doidos incidentes !
Lobo que ao proprio lobo anda a mostrar os dentes,
Enganando a si mesmo e em si mesmo enganado.

Ebrio de sangue e pús... na lama do peccado
Vives a profanar as cousas transcendentes,
A chorar e a sorrir, sem saber o que sentes
Nesta allucinação de eterno allucinado !

Mentes para viver, vives para a mentira,
Bôbo de feira livre, arlequim da luxuria,
Que anda em busca do amor, sem saber o que aspira !

Finges desconhecer o tremendo episodio
Em que has de tombar, vencido em tua furia,
Para a finalidade eterna do teu odio !

BENEDICITE

Bemdicta seja a Vida ! A Vida é bôa
Para quem sabe resistir com calma
Tudo o que punge, tudo o que magôa
As esperanças vivas de nossa alma...
Bemdicta seja a Vida ! A Vida é bôa !

Bemdicta seja a Dôr ! A Dôr é graça !
A alma que entorna o calix da amargura,
Une, confunde, estreita, prende, enlaça
O céo á terra e Deus á creatura.
Bemdicta seja a Dôr ! A Dôr é graça !

Bemdicto seja o Pranto ! O Pranto é gloria !
Tudo o que chora, as dores glorifica,
Recebendo na vida transitoria
Uma aureola de amor etherea e rica.
Bemdicto seja o Pranto ! O Pranto é gloria !

Bemdicto seja o Riso ! O Riso esquece
Tudo o que dilacera o pensamento.
Aflora aos labios como aflora a prece.
A alma, sorrindo, esquece o soffrimnto.
Bemdicto seja o Riso ! O Riso esquece !

Bemdicto seja o Amor ! Amor é tudo :
—A Vida, a Dor, o Pranto, o Riso... em summa.
E' a ascenção que dêste pouso rudo
A alma do homem para Deus appruma...
Bemdicto seja o Amor ! O Amor é tudo !

DOR DE BOHEMIO

Feliz de quem, no bárathro da vida,
Pode, cantando, mitigar a magoa,
Trazendo, embora, os olhos rasos d'agua
E a alma pelos tormentos dividida.

Feliz quem, de tortura, a alma incendida,
Pode trazel-a como sempre trago-a !
Gargalhando na lucta incomprehendida
E abafando da vida a ardente frágoa !

Feliz quem sempre esconde a dor que o aguça,
Ao pranto alheio seus ouvidos pondo,
Apiedado daquelle que soluça !

Se sou feliz, com as palpebras molhadas,
E' porque sempre o soffrimento escondo
Na loucura de minhas gargalhadas.

SER POETA

Desce ao lodo da vida e estende os braços
Para o mysterio dos teus sonhos loucos !
Na penosa incertesa de teus passos
Verás que a vida te anniquilla aos poucos !

Hão de florir os teus gemidos roucos
No amargo pranto de teus olhos baços.
Os teus ouvidos, perturbados, moucos
Hão de se abrir aos multiplos cansaços !

Depois, na gloria de teu soffrimento,
Faze com que a alma, num deslumbramento,
Cante estrophes de amor pelas espheras.

Espalhe rimas numa chuva de astros
Para acender teus luminosos rastros
Na adoração das ultimas chimeras !

A RECOMPENSA

(Aos ingratos)

Na vereda estreitissima da vida,
Por onde sigo cuidadoso e crente,
Encontro sempre no ar, mão homicida
Que me apunhala traiçoeiramente.

Mão que — esquecendo a esmola recebida —
Dentro da treva, deshumanamente,
Vibra-me o golpe, e ainda da ferida
Suga-me o sangue dolorido e quente.

Mas nem assim, odio ou rancor demonstro...
Aquelle que hoje nos parece monstro,
Quem sabe se amanhã não nos embala ?

Eis porque, quando alguem me fere em cheio,
Ergo os olhos ao céo, buscando um meio
Para beijar a mão que me apunhala.

JESUS

JESUS — essencia da SUPREMA ESSENCIA...
Bondade, mansidão, amor, ternura
Tú, que ensinaste a toda a creatura
A verdade, o perdão, a complacencia;

Deixa cahir um raio de clemencia
No coração da humanidade impura,
Que nem se lembra mais quanta tortura
Soffreste para alçal-a á OMNIPOTENCIA.

Onde a luz ? a razão ? onde a verdade ?
Brotadas dos Teus sãos ensinamentos ?
A fé, a tolerancia, a caridade ?

Tudo esqueceu o humano instincto vario...
Empannou-se, nos torpes sentimentos,
A suprema agonia do Calvario.

ALMA

Alma, essencia da vida, imagem receptora
Da Forma ! Fonte de magua, horto de prazeres...
Ella é a exigencia viva, a origem conductora,
A vibratilidade organica dos seres !

Do seu immaterial,
E' que vem todo o amor, o sentimento, o affecto,
O goso, a sensação da luz, do som, do aroma,
O desejo secreto,
O esboço do ideal
E o èterno incomprehender que os organismos doma.

Tudo que a exalça ou dóe no olhar se manifesta,
Se esteriotypa, mostra o interno contrafeito;
Demonstrando na dor, que o soffrimento empresta,
A synthese do Bem, do Bello e do Perfeito.

Alma — luz da materia, eterna, indefinida,
Animadora immortal do demente e do forte !
—Para estudal-a bem é necessaria a vida.
—Para bem conhecel-a é necessaria a morte !

DENTRO DE MEU SILENCIO

Pela janela aberta
De meu quarto, em silencio, entra o luar,
E na minha alma deserta
Sinto alguem que anda a rezar.

Mãos finissimas e brancas
Me apertam tanto o coração vasio,
Que as horas passam rapidas e francas
E eu nem lhes ouço o murmurio !

Quem, nesta hora de magoa, de incertesa,
Anda em mim a rezar ?

. . . . . .

E' o fantasma gelado da tristeza
Me ensinando a chorar !

SONHADOR

(Ao Alvares Bezerra)

Tu, que do lodo das paixões primevas,
Fizeste o teu mais puro escapulario
E, atormentado pelas dores, levas
A cruz dos sonhos para o teu calvario;

Tu, que na lama do destino, elevas
A alma pelo infinito constellario,
Rompe, cantando, pantanos e trevas
Para o explendor do teu intinerario !

Se alguem, em doidos escarnecimentos,
Buscar fazer de teus padecimentos
O mais horrendo e tenebroso inferno;

Ri ! e da miseria por que vives preso,
Faze um pharól e, dentro da alma aceso,
Guia teus passos ao caminho eterno !

DENTRO DA NOITE

Como o céo está só ! Nenhuma estrella acende
A pupila de luz para o desamparado.
A noite é negra. O olhar pela treva se estende,
Procurando... nem sei ! Mil cousas do passado...

Uma historia de amor, uma illusão, um duende,
Que entrou no coração e vive encarcerado,
A gritar, a gemer... e sempre me surprehende
Nestas noites de fél, de angustia e de peccado.

O vento, arrepiando as arvores, parece
Um gemido de Pan, reclamando uma prece,
Para a ausencia de luz nos estellares mólhos...

E triste, e mudo, e só, pela noite vasia,
Sem perceber que o frio a carne me arrepia,
Sinto que minha mãe vem chorar nos meus olhos.

ULTIMO DESESPERO

Mãos crispadas ao céo, cabellos desgrenhados,
Ollhos tintos de sangue, e o coração... quem sabe ?
Tinto de odio e rancor. Doido que a morte acabe
Esses tranzes de fél proprios dos torturados.

Louca ! presa ao torpor dos sonhos malfadados,
Onde apenas a dor de ter nascido cabe;
Pede a tudo que o céo sobre seu ser desabe,
Para abafar-lhe da alma os ais desesperados

Na attitude feral de uma visão furiosa,
Bambeia e, rubra cae, como uma grande rosa,
Socalcando num ai seus ultimos segredos.

E no ultimo estertor do enlace dolorido,
Tenta erguer para o Azul, num profundo gemido
As mãos tintas de sangue e o coração nos dedos.

MINHA MÃE

Por-de-sól. Exilado. Acendo o meu cigarro
E vou, nervoso e só, debruçar-me á janela;
Emquanto pelo occaso em fogo o olhar esbarro,
Se estampa em minha dor toda a lembrança d'ella.

Em proporção que o fumo alteia, se enovela,
Fazendo pelo espaço um caracól bizarro,
Suspiro, anceio, evoco-a... á saudade me agarro,
E sinto-a junto a mim, maravilhosa e bella.

Sinto-a de olhos nos meus, fartos de amor e brilho,
Procurando aquecer meu coração gelado
Nos seus gestos de luz com que me maravilho...

Mãe! Radiosa visão do eterno torturado!
Vem abafar num riso as dores de teu filho,
Nesta senda de angustia, horror e de peccado!

MINHA FILHA

Ouço, quando me vens povoar o pensamento,
Vozes de bandolins pelas espheras soltas.
Guitarrilhas de prata em vibrações revoltas,
Harpas de oiro a planger nas caricias do vento.

Notas de orgão gemendo em sonatas envoltas,
Mandolas de crystal enchendo o Firmamento
De sons, de luz, de luar... desse deslumbramento
Que te canta no olhar em cytarinas voltas.

Azas de rouxinoes em delicado adejo,
Abrem-se, ruflam, vão, transparentes e finas,
Pelo céo, pelo azaul, quando te adoro e beijo.

Toda a vida, emotiva em teus sonhos resumes.
E's a vida, és o amor, és, nas horas divinas,
A harmonia dos sons e a graça dos perfumes.

ETERNO RECORDAR

Penso em teu nome e, quando penso, escuto
Bandolinatas tremulas, dolentes
Dentro do amor que se cobriu de lucto,
Dês que te foste de meus olhos quentes.

E's o fidalgo, o delicado fructo
De promissoras e vitaes sementes
Por quem anceio, desespero, lucto
Nos meus dias de magua, impenitentes.

Foste ! Não mais voltaste ao lar deserto
Onde procuro desditoso, incerto,
O calor aromal de teu conforto.

Penso em teu nome e, quando penso, creio
Que existe uma panthera no meu seio
Extrangulando o coração já morto.

ETERNO PEZADELLO

Saturado de dor, abro os meus olhos, corro
Atraz de quem se fôra e nunca mais voltára !
Procuro-a, grito, clamo... ao velho mar recorro,
E o velho mar brutal de murmurar não pára !

Beija-me os pés, recúa... indomito escancara
Seu glauco dorso nú e não me dá soccorro !
Tento atirar-me a elle e sabendo que morro,
Uma illusão qualquer meu desespero ampara.

Estrellas, nuvens, sól, ide dizer-lhe agora
Que eu ando tresloucado em busca do seu vulto,
Vedando em minha angustia os prazeres de outrora.

Ide dizer-lhe emfim que seu amor, coitado,
Sepulto em minha dor, onde a chorar, sepulto
Os destroços de um sonho e as ruinas do passado.

RESSURREIÇÃO

Velho ! no declinar da vida, ainda sinto
A energia vital da mocidade louca.
Vaidades, ambições... tudo em minha alma espouca
Ressucitando em mim o que julgára extincto.

Se ás vezes do infortunio amarga-me na bocca
O fél travoso e crú do travoso abysinto,
Vejo que novo amor as illusões destouca
Como um rio de luz num velho labyrintho.

A carne canta em febre as harmonias vivas
Do amor e do desejo. A mocidade canta
Dentro desta velhice, alleluias festivas.

Sonho, fascinação... tudo minha alma prova,
E vibra, e freme, e goza, e sonha, e se quebranta,
No extasis triumphal de uma volupia nova.

ESCUTA

Quando eu morrer e for levado assim como esse
Que aos solavancos passa, em funeral cortejo,
Gargalha, meu amor ! gargalha ! ri ! esquece
Este infeliz que morre sem provar teu beijo.

Morrer ! não mais sentir a vida — esse desejo
Extremo, esse estalar de tua bocca em prece !
Esquecer para sempre esse esplendor que vejo
Aureolando teu rir que mata e me endoidece;

E' reunir dentro da alma as ultimas torturas
De uma eterna viuvez, de uma eterna lembrança,
Para a gloria e o perdão desta extrema loucura.

E' sentir todo o amor numa lucta incontida,
Buscando o teu calor de patativa mansa
Na epopeia final das illusões da vida.

PIEDADE E TEDIO

Noite hybernal. A chuva tamborila
Nos vitraes incolores de meu quarto.
Nenhuma estrella pelo céo scintilla,
E com a alma intranquilla,
Nas miserias da vida me reparto.

Alfineta-me a carne um frio intenso,
Gelam-se-me as mãos. Sinto-me todo
Acovardado num torpor immenso
E scismo, soffro, penso
Nos inconscientes corações de lôdo:

Nesses que vivem, pelos seus instinctos,
Vasios de emoção e piedade;
Tendo de sangue as mãos e os olhos tintos
E quaes lobos famintos,
Devoram tudo... a honra, a honestidade.

Nesses que passam pela a vida, apenas
Rindo de tudo com desdem, mostrando
Mil apperencias de expressões serenas,
Mas que não passam de crueis hyemnas,
Toda a perversidade alimentando.

. . . . . .

Fecho os olhos um pouco; á sombra, passa
A negra multidão dos esfaimados,
Bebendo o fél travoso da desgraça
Onde a dor lhes enlaça
Os frios corações extrangulados.

Uns, famintos e nús, tontos de somno,
Cambaleando de fraqueza e frio;
Comendo o pão amargo do abandono
E como cães sem domno
Choram com a chuva seu viver sombrio.

Outros, na taça esconsa da taberna
Procurando, num calix de bebida,

Esquecer a tortura que o inferna
E nessa angustia eterna,
Inconscientes bebem a propria vida;

Emquanto os nobres, os privilegiados,
Desconhecidos de brutal flagicio,
Nos immundos bordeis refastelados
Gargalham mergulhados
Na miseravel podridão do vicio.

. . . . . .

E debruçado sob a luz da vela,
Voto á existencia e ao mundo horror brutal,
Emquanto o frio a carne me regela,
No céo nenhuma estrella
Abre as palpebras vivas de crystal.

E penso... e fumo... do viver me aparto
Para abafar a dor que o ser me abraza.
E o meu relogio de minutos farto,
Palpita no meu quarto
Como se fosse o coração da casa.

SO'

Ha segredos de amor que a penna não revela !
Ha palavras de dôr que a bocca não exprime !
Na vida, muita vez, quando o mal se encarpela,
O cerebro não pensa e o instincto arrasta ao crime.

Quantas vezes, achando a vida super-bella,
No calendario azul do nosso amor sublime,
Quiz fallar-lhe da luz que em seu olhar se estrélla,
E a bocca, tive-a muda e regalado vi-me !

Um sudario de horror em tudo agora vejo;
Seu fidalgo explendor eu vejo agora em tudo,
Procurando exaltar meu ultimo desejo.

E tremulo e convulso, a procural-a ! a esmo,
Vejo seu corpo em flor, o seu semblante mudo
Na concretização suprema de mim mesmo.

ORAÇÃO DE UM TRISTE

Se em nós existe amor ou se um desejo existe,
Com teus soluços vem e orvalha os meus soluços !
Sei que choras tambem, pois nunca mais me viste
E eu nunca mais te vi ! Longe, choro, de bruços,
Tendo o olhar embebido em tristes alfarrabios...
-Cartas que trazem tua alma impressa em seus refolhos-
E me transmittem bem o nectar de teus labios,
Abrindo em cada estrella a aurora de teus olhos.

Longe bem sei que estás ! Porém perdida, vejo
A sombra de teu vulto em busca de meus braços.
Sinto na minha bocca o gosto de teu beijo;
Dentro de minha sombra o ruido de teus passos,
Como um leve ciciar de petalas franzinas
Tangidas pelo vento em aridos caminhos...
Compadece-te, vem ! com tuas mãos pequeninas
Apertar-me de encontro a esses dois roseos ninhos,

Tua alma é meu sacrario ! Abre-o ! quero adoral-o
Alheio ás sensações de um gozo transitorio !
Se em nós existe amor é preciso amparal-o
Com a nossa propria vida — esse aromal ciborio,
Cheio de tanto fel que nos traz sem conforto,
Separados assim, nesse viver medonho,
Para que, amanhã, se algum de nós for morto,
O amor palpite, cresça e vibre em cada sonho !

VELHO TRONCO

Olha esse tronco de arvore esgalhado,
Levado atôa pela correnteza.
Quem nos sabe contar o seu passado ?
Quem nos diz sua historia ? Com certesa

Floriu, fructificou, teve seu fado,
Foi luz, foi pão, foi oiro, foi grandeza,
Teve um viver de inveja saturado,
Foi um sorriso aberto á Natureza.

Vê ! como elle vae sereno, a esmo,
Arrastando o cadaver de si mesmo
Para um destino torturante, triste...

No emtanto, quantas vezes não enchera
De fructos bons, a mão que o abatera !
...Como esse tronco muita gente existe !

ARVORE

Arvore em cujo fructo esplendido, maduro,
Um fragmento de vida aureamente palpita;
Quem não te adorará se és a fonte infinita
Da fartura, do bem, e a gloria do futuro ?

Arvore á cuja sombra almejada e bemdicta
O caminheiro ancioso, a passo mal seguro,
Se reconforta e sonha e, num sorriso puro,
Sente a vida mais ampla e a magoa mais finita.

Bemdicta sejas tu, alma da Natureza !
Balsamo, pão, conforto, oiro, vigor, grandeza,
Super-bello florão desabrochando em trovas...

A terra cante o amor entre tuas raizes,
Dando-te fructos bons, sorrindo aos infelizes
Na esmeralda pagã de tuas folhas novas !

ATÔA

Cego, buscando luz entre escarpas e abrolhos,
Vedando ao coração toda a alegria morta,
Occultando num riso a dor que não supporta,
Sem familia, sem pão, sem destino e sem olhos;

Rindo do grande mal que lhe tortura e corta
A alma, que já não sente em seus frios refolhos
A gloria do viver; como náu entre escolhos,
Erra pedindo luz e amor de porta em porta.

Ninguem lhe escuta a voz — o "deprofundis" da alma !
E o desgraçado passa a rir da dor que o incalma
—Nas mortas illusões de um sonho que perdeu...

Este cego sem luz que em meio ás turbas passa,
Zombando do estertor, do Mundo, da desgraça,
Escuta, rico amor ! este infeliz sou eu.

O SOLIMÕES

Soberbo, colossal, formidaloso, insano.
Passa o rio a rolar na irrefreiavel lucta.
E' o Solimões que desce em busca do Oceano,
Rasgando o coração da mataria bruta.

Ora doido e voraz, ora placido, quieto,
Ora turbilhonando em asperos arrancos...
Dir-se-ia que a expressão de um grande mal secreto
Tenta estreital-o, em vão, nos humidos barrancos.

Bramando e rebramando em borbotões de espuma,
Furibundo se agita em furibundos roncos;
Levando no seu dorso, onde nada se appruma,
Um rude batalhão de enlodoados troncos.

Reboja, ruge, róla. Aos gorgolões troantes,
Bordonando ao ciciar das auras brasileiras,
Retorce, arranca, arrasta as arvores gigantes,
Esboroando afinal as velhas ribanceiras.

E desgalgando o sôlo em doidas bordonancias
Segue o curso brutal entre estirões e curvas.
Levando o nosso orgulho a todas as distancias
Na alma potencial de suas aguas turvas.

Ao vel-o assim raivoso, acachoante, insano,
Rasgando o coração da mataria bruta;
Parece que em seu bojo o coração do Oceano
Se agita, freme, cresce e se exaspera e lucta.

PATRIA

Patria é o Azul deste céo setim que nos orgulha
E' o amor de nossa mãe a cantar dentro da alma.
E' a saudade do berço, é a vaga que marulha,
Espumarenta e cruel sem destino e sem calma.
E' a sublime expressão do idioma que fallamos;
Uns ratilhos de luz em nossos olhos baços;
E' o sabiá despertando a harmonia nos ramos
Quando o sól lança no ar seus primitivos traços.
E' a synthese triumphal de um sonho immorredoiro
Arrancando orações do nosso labio mudo...
E' este immenso rincão emmoldurado em oiro,
—Este solo abrazado em berço de velludo...

E' o Amazonas brutal essicolando ancioso,
Ora revolto e mau, ora em rumor de festas,
Levando para o Oceano outro mar caudaloso
Na saudade aromal destas verdes florestas.

E' o mugido dos bois no madrugar dos campos,
O arado do progresso a gleba removendo:
E' a noite a despertar milhões de pyrilampos
Que pelo escuro vão subtis, phosporecendo.

E' o pendão auri-verde a tremular nos mastros,
Pannejando, soberbo ás caricias do vento...
São mil bustos de heróes em plynthos de alabastros
Sob as bençãos de luz do nosso pensamento!

Patria é a luz deste sól que nos aquece os musculos!
O filho que nos beija, a mãe que nos consola;
E' a apotheose do Azul em todos os crepusculos...
E' a choupana embalada ao tilintar da viola.

E' a rouxinolação dos passaros em Maio,
E' o outomno esmaltando as folhas de pau-d'arco.
E' a palmeira a rolar fulminada do raio,
E' o coachar dos resptís no marulho do charco.

São os gallos riscando as madrugadas de oiro,
Deslumbrados do albôr encantado da aurora.
E' a onça em disparada, ao mugido do toiro...
.....

E' o sorriso de alguem dentro da alma que chora !

A patria que conheço é tudo finalmente.
E' o orgulho que eleva, é o amor que domina,
E' a perola engastada esbelta, refulgente,
No invejavel colar da AMERICA LATINA.

Patria — BRASIL que adoro e me prende, e reanima
Na magoada expressão de meus sonhos sem lume;
E's meu verso cantando a epopeia da rima...

E's a vida, és o amor, és o som e o perfume !

Quando eu sulcar da morte o illimitado espaço,
Arrastando da vida o derradeiro anceio,
Patria ! deixa dormir em teu livre regaço
O meu corpo gelado ao calor de teu seio !

A SERTANEJA DOS BONS DIAS

Na rudeza silvestre dos caminhos
Larangeirados, floridos e quedos,
Passa a cabocla alheia a mil carinhos,
Embalando, ao cantar dos passarinhos,
O mysterio ideal de seus segredos.

Passa, levando na cabeça affoita
Flores sem preço, rusticas e bellas...
Como um sonho de amor que a vida açoita,
Passa e, ao roçar da saia em cada moita,
Beijam-n'a as borboletas amarellas.

Viva, fogosa, tropical, catita
Encontro-a rindo todas as manhãs...
Vestida n'um roupão azul de chita,
Tendo nas faces de mulher bonita
O vermelho maduro das romãs.

CANTO NOVO

Deste recanto verde ouço a vida cantar
Nos meus anceios de ser grande...
De crescer como aquella sumaumeira
Que está dançando ao vento!
E sinto,
Na vertigem dos meus devaneios,
Na penumbra velada de meu sonho
Ferver o sangue nos meus pulsos,
E,
Incendido de novas esperanças,
O velho coração rejuvenesce e canta
Canções que ainda não cantei,
Para sentir a vida em meu sorriso
E a grandeza da terra em meus anceios!

VERTIGEM

Nordestano ! Nasci para o fragor das luctas,
Tendo auroras no olhar e occasos no sorriso.
Forte ! enfrento a cantar todas as forças brutas
Da Natureza tropical, ardente,
E soberbo, e eloquente,
Osgulhoso e preciso,
No meu pôtro revel de crinas encrispadas,
Acendendo com sangue eternas alvoradas,
Subo aos Pampas e desço as aguas do Amazonas...
E vou, ora feliz, ora enfrentando males,
Por estas virgens e soberbas zonas,
Rasgando estradas,
Solapando valles,
Na ancia de ter o sól dentro de minha mão,
Para filtrar de luz a alma e o coração...
E galgando a cantar,

Planicies e quebradas,
Todas illuminadas
Pelo meu olhar;
Conservo sempre a arder, na retina abrazada,
Os sorrisos da terra e a exaltação do mar!

SAUDADE

(A' minha boa irmã Maria de Lourdes Correia)

Saudade — sino plangendo
Ao morrer do sól no Azul;
Viola triste gemendo
Nas claras noites do sul.

Velha cruz abandonada
Velando alguem que morreu;
Suspiros da alma exilada
Fitando estrellas no céo.

Saudade — goivo pendido
Nas horas do entardecer,
Entrecortado gemido
De quem não sabe gemer.

Choupana triste, vazia
Lembrando alguem que a habitou,

Dois minutos de alegria
De um tempo bom que passou.

Saudade — baga molhando
Olhos vasios, sem luz.
Canario corruxiando
Nos braços da velha cruz.

O mar osculando a areia
Da praia amante do mar...
Guitarra que além ponteia
Fazendo a gente sonhar.

Saudade — cabellos brancos
Emmurchecendo illusões;
Pungentissimos arrancos
De quem vive aos trambolhões.

Tarde rôxa de finados
Vela panda ao por do sól
Alento dos desterrados,
Trinados de rouxinól.

Saudade — folha rolando
Despresada pelo chão...
Suspiros acalanetando
As dores do coração.

Coração cheio de magoas,
Alma vibrando de dor;
Delicado pingo de agua
Nos olhos do sonhador.

Saudade — labios em prece
De algu'a mãe infeliz
Pelo filho que a esquece
Distante, noutro paiz.

Saudade — sonho retinto
De dores e frenesi...
Saudade é aquillo que sinto
Quando me lembro de ti.

ETERNA CHAMMA

Ardo no teu amor, primavera da vida !
No teu amor que é luz, e em cuja claridade
Eu me abraso, eu me enleio e, cheio de anciedade
Busco-te em vão provar, oh ! fructa apetecida !

Ardo em tudo que é teu ! Na tua castidade,
—Essa pagina azul que nunca fôra lida! —
Arde em meu paladar a harmonia diluida
De teu beijo que é luz, aroma, suavidade.

Ardo cheio de ti, menina de meus olhos !
De ti que procuraste em teus sonhos serenos
Penetrar de minha alma os intimos refolhos...

Ardo no teu amor que me aquebranta e junca !
E esse fogo que vem dos teus olhos amenos
Cresce, recresce e lavra e não se apaga nunca !

ISIS

Flébeis vozes de seda harmonisam-me a idea,
Quando, em adoração a seus olhos, transponho
A escadaria de oiro onde sobe meu sonho,
Embalado ao langor de risonha epopea.

Se á sua voz maviosa os meus ouvidos ponho,
Ouvindo o balbuciar dessa infantil estréa;
Ouço a harmonia triumphal de ethera melopea
Divinisando o amor que me torna risonho.

Tudo parece ter uma expressão divina,
Quando sua alma exala essa fragancia fina
Que enche o infinito azul de alleluias bizarras.

E quando em meu desvello a sua voz me embala,
Parece que o amor reuniu, dentro de sua falla,
Extranhas vibrações de extridulas cigarras.

UM DIA...

Eu fiz da vida um tumulo secreto,
Para inhumar as minhas alegrias,
E encarcerar esse emotivo affecto
Que vem das almas tremulas e frias.

Fiz do infortunio meu prazer dilecto,
Das esperanças minhas nostalgias.
E assim vivi, sem luz, sem pão, sem tecto,
Trezentos e sessenta e cinco dias.

Depois, vendo que o tempo me era muito
E a vida tinha a gloria de um momento,
Renunciei meu tenebroso intuito,

Foi quando conheci a humanidade...
Vendo em cada creatura um mau rebento
De odio, rancor e de perversidade.

Hostias

Profanas

A

Araujo Lima,

Marciano Armond

e

Adriano Jorge

A melhor parte de
meu affecto.

AMOR INCOMPREHENDIDO

Amo ! não sei a quem ! O certo é que amo !
E o amor que me inunda, o amor que sinto
Tece tão delicado labyrintho
Dentro de mim que, ás vezes, na estreitesa
De minha percepção,
Interrogo, em silencio, a natureza
Das cousas, e em vão,
Morre em si mesma, ao frio da incerteza
Minha interrogação.

DESESPERANÇA

A alma desalentada entre a paixão e o tedio,
Viuva do prazer, escrava da agonia,
Quer ser bella, ser bôa e, fria, sem remedio,
Sente que o proprio instincto aos poucos a atrophia.

Tenta erguer-se do pó,
Tenta escalar cantando, a abobada infinita,
Mas ensopada em fél, louca, indecisa, afflicta,
Sente-se mais a mais, amesquinhada e só.

Olha em torno de si, nem uma voz amiga
Vem fallar-lhe do amor, da vida, da esperança !
E ella, inquieta e só, não pára, não descança
De chorar, de gemer exhausta de fadiga !

E atormentado assim por essa estrada infinda,
Cheio de anciedade,
Ha trinta annos de dor busco a felicidade
Sem encontral-a ainda !

ANIMA ME'A

Minha alma é como um templo solitario:
E' como aquella cathedral vasia,
Occultando antiquissimo sacrario
Na exaltação de funda nostalgia.

Vède-a ! parece uma esperança morta,
Sem que o tempo a corrompa ou santifique-a !
Venerando atravez de cada porta,
No segredo da sombra uma reliquia.

Ha nos seus dobres tremulos, doentios
Restos de sons de uma alleluia triste.
Dobres funereos, leves murmurios
Onde a saudade dos rituaes persiste.

Havia alli, num branco altar marmoreo,
Ornamentado de rubis e nastro;

Um exquisito Christo merencoreo
E uma santa Thereza de alabastro.

Adornada de perolas custosas,
Casta, fidalga, livida, divina...
Um turbilhão de petalas de rosas
Perfumava-lhe a alvura alabastrina.

Mas o tempo passou rapidamente!
Tudo fugiu num verdadeiro exôdo;
O Christo, as oblações, a Santa, o crente
E a cathedral cobrira-se de lôdo...

Hoje, deserta, abandonada, no ermo
De seu lodoso aspecto de quem soffre...
Seus grandes dias já tiveram termo,
O seu recintho é um cavernoso cofre

Farto de poeira, farto de tristeza,
Sem adorno, sem luz, vago, funereo,
Occultando com funebre avaresa
Os cymbalinos trapos de um mysterio.

Ninguem lhe escuta mais as reticencias
De sons, dos frios dobres compungidos,
E a cathedral nas ultimas plangencias
Solta no Azul seus ultimos gemidos.

*
* *

Minhalma é assim, assim erma, sentida,
Velando os restos de um amor antigo,
Na provação de solitaria vida,
Numa tristeza que nasceu commigo.

E como aquella cathedral vasia
Teve seus trillos, seu lavor, seu nastro,
Suas bençãos de gloria, de harmonia
E uma santa Luiza de alabastro !

Mas os levou a dor que me agonisa
Em seus minutos tragicos, mortaes,
O amor, as oblações, santa Luzia,
Para outro culto e não voltaram mais !

Hoje minha alma para o amor vedada
No encandilar desta melancolia,
Vive a chorar essa illusão passada
Bem como aquella cathedral vasia.

GUERRA JUNQUEIRO

(No dia de seu passamento)

Em perolas de ophir e purpura lavrada
Se erguia ao infinito uma infinita escada
De oiro, jade, coral e fina pedraria,
Por onde a coruscar, numa etherea harmonia,
Via-se sobraçando um turbilhão de rosas
Um conjunto pagão de formas luminosas.

Cytharas, bandolins, harpas e guitarrilhas,
Lyras de oiro a vibrar soberbas maravilhas
De sons emocionaes, por invisiveis dedos,
Iam-nos revelando emotivos segredos
Do Bello e do Ideial... emquanto no céo claro,
Cravejado de sóes — templo faustoso e caro —
Uma restea de luz vibratil, resplendente
Esmaltando, polindo a purpura do ambiente,

Dava uns tons de esmeralda e perolas custosas
Numa scintillação de gemmas lacrimosas !

Em baixo, a terra toda orava e resplendia
Numa viva oração de gloria e de agonia

Os passaros cantando e a voar de galho em galho
Bebiam de uma a uma as perolas de orvalho.

Orchideas, bogaris, crysanthemos, acacias,
Papoilas, resedás e mil flores violaceas.
Desde o lotus fidalgo á fragil folha de hera,
— Como se alli passasse extranha primavera —
Se abriam, rescendendo um perfume exquisito
Que subindo, evolando e vencendo o Infinito,
Buscava encher o céo... e sobe, e galga-o, e vence-o
Na glorificação divina do silencio.

Em tudo havia um quê de extranha fidalguia !
Quando na irradiação do amplo céo que se abria,
Se ouviu no esmerilhar potente disso tudo,

A harmonia quedar-se e, nesse instante mudo,
Viu-se a alma de Junqueiro em extasis bemdicto
Subir ! Subir até perder-se no infinito,
Como um novo Moysés em carro de oiro e rosa,
A tanger ainda quente a lyra magestosa,
A lyra que na terra harmonias triumphaes
Vibrou ! Vibrou ! Vibrou até não poder mais.

AMOR PLATONICO

Como eu te amo, flor, como eu te quero
Nem mesmo o coração sabe dizel-o.
—Sei que te amo com profundo esmero,
—Sei que te quero com febril desvello.

Luz da minha alma a cujo reverbero
Eu abro o coração para aquecel-o...
Por teu amor anceio, desespero
E soffro o mais terrivel pezadello.

Calix de angustia que me santifica,
Em ti todo o meu sonho se entrelaça
Tornando a vida resplendente e rica.

Joia fidalga, virginal sem jaça,
Toda a essencia de amor se purifica
No emotivo explendor de tua graça.

VISÃO DE MEU SILENCIO

Vejo-te toda a noite em torno de meu leito,
Mãos de neve a affagar-me o rosto contristado.
E é tanta a minha dor que o coração no peito
Geme como se fosse eterno condemnado.

Beija-me... no teu beijo humido, repassado
De magoa, de caricia e de saudade feito,
Eu te sinto, eu te aperto e, nesse duro estado
Vejo-te toda a noite em torno de meu leito.

Luz fidalga e subtil que minha treva espanca!
Que fazes juuto a mim, maravilhosa e branca,
Relembrando este amor que lembrar não quizera?

Deixa-me em paz dormir neste leito de magua,
Onde busco esquecer com os olhos rasos dagua,
O estupido furor desta infernal cratera.

MENTIRA RUBRA

(Preceitos exoticos de uma escola)

Sonho rubro a emperrar a janella maldita
De onde a carne contempla o meu odio sangrento.
Não me suje a consciencia — essa nodoa infinita
Que estonteia a bondade e suja o pensamento.

Prova o meu sangue amargo... o sangue que se agita
No espirito incolor de rafeiro sedento...
Não ouves bordonar ? E' minha dor que grita
Dentro de um casarão em desmoronamento !

A vida é a vida... vês!... um palacio incendido
Espargindo-se ao sól... derrama-lhe um gemido
Na volupia de barro onde o amor se insalubra...

Calca na tua sombra a crathera de um riso !
Depois ri tambem... ri... que o prazer é preciso
Aos que vivem mentindo uma mentira rubra !

REVOLTADO

Desespero de eterno rebelado,
Lamentações eternas de quem sente
Na alma os destroços de mortal peccado,
Doido, revel, sarcrástico, imprudente.

Blasphemias de perpetuo condemnado
Numa perpetuidade impenitente,
Livres da carne, pelo céo gelado
Ide espalhando meu clamor ardente!

Ide ao contacto das estrellas frias,
Escalando as espheras infinitas,
Num grito de secretas agonias!

Para que a vida de quem soffre e arqueja
Seja o residuo das paixões malditas,
E o Mundo sempre desgraçado seja!

NOITE DE INSOMNIA

Encarcerado no meu velho quarto
Horas terriveis me conservo mudo.
O olhar fitando a luz com quem reparto
Um pouco desta dor que me diz tudo,
Nas incontaveis noites torturantes,
Ermas, geladas, negras, doentias,
Sentindo em diluentissimos instantes
A alma vertendo as minhas agonias.

Penso ! e a pensar, da vida me desgarro
Sorvendo o fél de indefinida magoa...
E a fumar.. a fumar o meu cigarro
Meus negros olhos vão se enchendo d'agua,
Melancolicamente doloridos,
Revendo os quadros de um passado extincto;
Abafando no seio agros gemidos,
Soffro sem comprehender o que é que sinto.

Ouço uma voz... escuto... esta alma freme
A murmurar um nome de mulher.
A suspirar todo o meu corpo treme
Sem comprehender o que minha alma quer!
E triste, e mudo, e só, conjecturando
Nesta agonia de que vivo farto;
Ouço o beijo de alguem, louco, adejando
Na estreitesa vasia de meu quarto.

JUSTIÇA DO ODIO

Eu sou como tufão ! Existe no meu seio
O espirito revel de uma revolta muda.
E porque sou assim ? A execração do meio
Me innocula essa mal onde meu ser se escuda.

Odeio o bom e o mau ! Tudo afinal odeio !
Desde o riso mais leve á magoa mais aguda...
Se escuto um choro amargo, um grito, um ai, um anceio;
Apiedar-me não posso, o instincto não me ajuda.

E sou feliz porque os outros odiando
Posso, no odio mortal, na velada ironia,
Conhecer meu defeito horrivel, miserando.

Posso ver atravez desta minha maldade,
Que a mentira, o impudor, o vicio, a hypocrisia,
Vivem para o explendor de toda a humanidade.

MALDICTOS

(Ao doutor Jeremias Valverde)

Ser condor ou reptil a muitos pouco importa.
Que vale a lama ou luz se a vida é sempre a mesma !
Para quem tem de ha muito a consciencia morta,
E a gangrenar no seio um coração de lesma ?

Conjecturam : a Vida — esse cháos absorvente
E' finita de mais para um destino parco.
E, coitados, a rir inconscientemente,
Deixam tudo que é bello e vão viver no charco.

Deixam todo o explendor da vida real e, loucos
Por tudo que a luzir aos outros causa estorvos,
Despudoram-se, vão manhosamente, aos poucos
Estraçalhando os bons como se fossem côrvos.

MORTA

I

Morta ! nunca mais vel-a, nunca mais sentil-a
Na luz de meu olhar enfraquecida e pouca !
Meus sonhos vão morrendo... a minha mente louca
Vaga em tudo que é seu e sem poder feril-a.

Restea de luz que foge e nunca mais scintilla
Na tristeza outomnal que dentro da alma espouca.
Procuro ainda beijar a flor de sua bocca,
Em vão, tacteio a esmo, o coração vacilla.

Morta ! nunca mais vel-a em minha magoa infinda...
Porém rola em minha alma o que expirando disse :
"A nossa fé não morre, o nosso amor não finda"

E morreu... dor atroz... quem m'a restituisse !
Em toda a parte vejo-a exhuberante ainda,
Como se em meu olhar o seu olhar fulgisse.

II

Cala-te coração que esta infinita magoa,
Numa infinita dor minha alma dilacera,
Se nos meus olhos fulge um claro pingo d'agua
E' porque nunca mais voltou a primavera !

Minha noiva morreu, mas palpitando trago-a
Dentro desta viuvez que ao soffrimento impera.
Se a suspirar tristonho em meu suspiro affago-a,
Não batas coração ! tranquilisa-te, espera !

Ella morreu, porém á tanta angustia affeito,
Com aquelle mesmo ardor que me innundara outrora,
Eu vejo-a toda a noite em torno de meu leito...

Cala-te coração ! Espera que anoiteça !
Espera que este amor sob uma nova aurora
A' alleluia immortal de um sonho refloreça !

HERMES FONTES

Condemnado immortal segue teu rumo !...
Se aquillo que te falta aos outros sobra,
Leva do forte o gigantesco apprumo
Para a immortalidade de tua obra !

Se em vão a nau de tua fé sossobra,
Resume o pranto como a dor resumo...
A labareda só desprende o fumo
Emquanto o seu fragor não se desdobra

Vae Glatinyng de masculas ideas !
Eternisando, em tuas epopeas,
Do teu flagicio o desditoso enredo...

Faze da vida um sonho do passado,
Comtanto que esse amor fique embalado
No mysterio immortal do teu segredo !

DOR MUTUA

Este caminho cruel por onde vamos
Chorando as esperanças que perdemos,
E' o mesmo que embalava nos seus ramos
Flores e ninhos nuns febris extremos.

Este mesmo caminho onde peccamos
Anhelosos de amor e bens supremos
Só balsedos e cardos encontramos
No baptismo da vida que soffremos.

No começo do amor, quando partimos,
Em cada galho maduravam pomos,
Cheios de vida no verdor dos cimos.

E nessa angustia de pezares summos
Vamos marchando sem saber que somos
Dois infelizes por diversos rumos !

NATAL DE UM FUNCCIONARIO

Natal ! em tudo uma alegria assiste,
A alma feliz ao proprio amor se casa;
No emtanto eu mudo me conservo triste
A contemplar o meu fogão sem brasa.

Retendo a dor que em magoar persiste,
Vedado ao pranto que meu olhar abrasa;
Vendo os filhos quaes aves sem alpiste
Pedindo pão, pelos desvãos da casa.

Vendo defronte, nos salões sedosos,
Embriagados de prazer e gosos,
Os convivas da infamia — os potentados;

Que podendo aquecer milhões de lares,
Vão se atolando pelos lupanares
A' custa dos famintos desgraçados.

PARA QUE PRANTOS?

Porque vives assim, meu lyrio branco ?
Triste, chorosa, pensativa, queda ?
Não vês que a mesma dôr no seio tranco
Como um cancro de luz que o amor segreda ?

Deixa esta angustia que da vida espanco !
Não desejes que o mal o bem succeda !
Vamos deixando nosso riso franco
No frescor hybernal desta alameda.

Se a tristesa acompanha os infelizes,
Não sei porque, chorando, te maldizes
Profanando com lagrimas a vida ?

Entorna a taça da amargura e vamos
Atraz do que atôa procuramos
Para a grandesa deste amor, querida !

BLASFEMIAS

No infinito Azul dessa estrellada esphera
Onde a angustia dos maus se divinisa,
A alma do poeta despejar precisa
Os seus rugidos morbidos de fera.

Como abafar a satanal cratera
Que espoca na alma e a mente cicatrisa ?
Envenenando o sussurrar da brisa
E alimentando a forte dor que impera ?

Rasguem-se as gazes das ceruleas plagas,
Para que um negro turbilhão de pragas
Róle, transpondo as portas infinitas !

E no infinito concavo do Espaço
Fique embalado, num supremo abraço
O gosto amargo das paixões malditas !

FALLANDO A MEU COVEIRO

E' aqui neste lugar, ao pé deste cypreste,
Junto a este mausoleu. Pega uma enchada, cava
Sete palmos de chão ! Anda de pressa, grava
No teu semblante mudo o riso que escondeste !

Abre o meu leito eterno... O meu logar é este !
Quero nelle abafar minha paixão escrava !
Quero enterrar-me logo... a Vida já me agrava...
De pressa ! a minha dor de dores se reveste !

Alarga-a mais um pouco, afasta mais a areia !
Ella, assim como está, torna-se muito feia,
Profunda-a mais... trabalha ! Este dinheiro é teu !

Que é isso ? um craneo ahi ? Dá-m'o quero beijal-o
Limpa-lhe bem o pó ! Dá cá, quero estudal-o
Como alguem algum dia ha de estudar o meu !

BEMDICTO SEJA

Bemdicto seja o amor que me fez homem,
Para o mysterio da fatalidade,
Embora os risos minhas magoas domem
Na estagnação desta intranquilidade.

Tudo que anceio as illusões consomem
Sonho, paixão, amor, e mocidade,
Sem que na vida meus anhelos tomem
Um pouco de conforto e suavidade!

Mas mesmo assim, no carnaval da vida,
Sorrindo, bemdirei a alma dorida,
Que em vão tirou de seus eternos vicios

Este meu ser á desventura affeito
De alma a gemer na concha do meu peito
Escancarada a todos os suplicios!

GLORIOSA ASCENÇÃO

(Aos arrojados "Azes" portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral)

Azas cortando o Azul. Homens galgando o Espaço,
Genio assombrando a Terra, Alma assustando o Céo;
Patria beijando a Historia; DEUS estreitando o laço
Da Lusa geração que para a luz nasceu.

Albatrozes sulcando espheras infinitas,
Traçando em pleno Azul a rota do ideal.
Asterias accendendo as rutilas pepitas,
Enchem de fogo e luz a alma de Portugal!

Abysma-se o Universo, o Espaço se limita,
Assusta-se no Céo um turbilhão de estrellas...
E' Portugal que escala a Abobada infinita,
Para na sua fronte, homerico, accendel-a.

E' o Pygmeu dormido ha quatrocentos annos,
Qué hoje acorda ao clarão de immorredoiro brilho,
Enchendo de alma e luz os corações humanos,
Para beijar, glorioso a fronte de seu filho.

E' o bravo de Alencer, o triumphador de Arzila;
E' o heroe de Azamor, de Angola, de Bornel,
Accendendo no Azul a calida pupila
Para entornar de luz a Abobada do Céo !

E' o immortal de Ormuz, das Molucas, de Australia,
Do Congo, do Damão, de Mazagão, de Gôa,
Que outrora fez do Oceano esplendida sandalia
E agora faz do Céo esplendida corôa !

E' o velho Portugal — velho de eterna infancia —
Levantando do ignoto a candida cortina;
Fazendo do Infinito uma pequena estancia,
Ligando a velha Europa á America Latina.

*
* *

Glorioso Portugal de gloriosos feitos,
Pequeno como és não cabes na Amplidão...
Se em teu solo e este solo ha cem milhões de peitos
Nelles apenas vibra um simples coração.

Oh !. velho Portugal de esternas primaveras !
Flor de loctus nascido em pleno Sól de Abril...
Hoje que enches de luz as rutilas espheras
Vem fremir, vem vibrar nos braços do BRASIL !

ALVORADAS

(A' José Limaverde)

Fulgia a Primavera, abrindo, anciosa e lesta
A regia floração dos ramos. O Paraiso,
Aureolado de sól, á luz de almo sorriso
Estremeceu de amor. Qual delicada fresta
Incende a vida em flor num divino impreviso,
Quando evolou pelo ar, em sussurros de festa
Da primeira mulher o primeiro sorriso.

A Vida dilatou-se em mil flocos de neve.
Toda a nudez sensual de sua alma, sem pejo
Palpitou, delirou... DEUS, num aureo lampejo,
Vibrou e quiz sonhar e desse sonho breve
Despertar na oblação musicada de um beijo,
Quando, um dia, innundou a carne rosea e levé
Da primeira mulher o primeiro desejo.

Abriu-se a Natureza, engalada de gozos,
Rindo, talvez do amor, na sublime assenção
Da luz dos olhos de Eva... Uma palpitação
De sons, cantando no ar, vibrou. Melodiosos
Os petalos gracis das rosas em botão...
Quando surgiu, fulgindo em halos luminosos
Da primeira mulher a' primeira illusão.

Tudo se transformou : a treva em luz, o amor
Em seiva, a seiva em vida, a vida em sonho iriado.
A carne da mulher num fructo desejado
Para o goso pagão de nosso excelso ardor...
O mundo vacilou no Espaço desnorteado,
Quando fremiu, rasgando as gazes do pudor
Da primeira mulher o primeiro peccado.

Em tudo crepitou a chamma luminosa
De um mundo extranho. O Céo, num desfallecimento,
Illuminou-se. A Luz, no seu deslumbramento
Abriu-se a alumiar na alma de cada rosa.

Mil perolas de orvalho. E Deus, do Firmamento,
Sorriu ao desnartrar-se em ancias dolorosas
Da primeira mulher o primeiro rebento.

A Primavera, a Vida, a Natureza... tudo
Que anima, exalça, espalha essa nuvem de poeira,
Estorceu-se de dor. Deus, impassivel, mudo
Commoveu-se, chorou, quando, a tremer, ligeira
Deslisou, a fulgir na face de velludo,
Da primeira mulher, a lagrima primeira.

...E dessa exaltação, desse poder fecundo
Fez-se o Ar, fez-se a Luz, a Vida, o Amor, o Mundo.

A CAVEIRA

Esta escarnada e lugubre caveira,
Esbranquiçada no evoluir dos annos,
Dá-me a impressão, a imagem verdadeira
Da imperfeição dos crótalos humanos.

Quem foste ? Hoje ninguem saber procura !
Vives a um canto abandonada, só,
Com saudades talvez da sepultura
Onde viveste mergulhada em pó.

Acostumada ao ruido das enxadas,
Ao gargalhar de bebados coveiros;
Recebendo das boccas embriagadas
No olfacto podre, putrefactos cheiros.

Rindo num riso de sarcasmo e tedio,
Numa ironia tetrica, profana,
Dos que soffrem sem tregoa, sem remedio,
Talvez zombando da miseria humana !

Com tuas fundas orbitas desertas,
Branca carcassa morbida, vasia,
No pensamento uma ambição despertas
De procurar o que tu foste um dia...

Um palhaço talvez, talvez um sabio,
Um carrasco, uma deusa, um vagabundo,
Um mendigo a esmolar tendo no labio
A libação das bacchanaes do mundo.

Hoje tenho-te ás mãos trémulo, mudo,
Num conjuncto de ideias irritantes,
De ti fazendo um tresloucado estudo,
Advinhando teus ultimos instantes.

Quantos beijos de amor, quantos espasmos
Na tua face, lubricos sentiste !
Hoje provocas magoas e sarcasmos,
No esboço eterno desse aspecto triste.

Aspecto esse que ninguem comprehende,
Sinistro, horrivel, morbido, gelado...
Vendo-te ! a alma alguma cousa aprende
Porque revejo todo o teu passado.

Não te comove a melodia do ermo,
A verdade de tudo quanto mente;
As pulsações de um coração enfermo
E as vibrações de um bandolim plangente.

Pobre caveira descarnada, fria,
Involucro final de atroz mysterio;
Dize o que foste ! Falla, alma vasia !
Revela o teu viver no cemiterio !

Falla que um dia como tu, caveira,
Na mesma sombra que te dá guarida,
Hei de rolar num turbilhão de poeira
Sinistramente rindo desta vida!

ELOGIO DE UNS OLHOS

Uns olhos como os teus, pretos, retintos,
Melancolicamente taciturnos;
Tão mimosos, tão santos, tão distintos,
Jámais contemplarei.. Olhos nocturnos,
Delicadezas de ebano polido
Em suaves e quentes "miseréres"!
Olhos que vivem para o meu sentido
Na mais encantadora das mulheres.

Outros não têm a morna refulgencia,
O fidalgo negror sensualisante,
Onde minha alma em vaporosa essencia
Palpite o devaneio a cada instante!
Não têm, não podem ter, alma incendida,
Delles o mesmo ardor com que me feres...
Olhos que vivem para a minha vida
Na mais encantadora das mulheres.

Quando os contemplo neste labyrinto
Distinctamente, como agora os vejo,
Estremeço... não sei o que é que sinto,
Se é amor, se é paixão, ou se é desejo?
Scismo, emudeço, sem noção, sem norte,
Nelles sentindo o anceio que desferes...
Olhos que vivem para a minha morte,
Na mais encantadora das mulheres.

SAMARITANA

Tenho sêde ! Ardo em ancia ! Uma febre me escalda !
Venho abatido e só por atalhos esguios;
Trazendo á sombra, o olhar e o coração vasios
Para enchel-os de ti, minha rica esmeralda.

Dentro de meu anceio, eterna se engrinalda
Toda a gloria pagã dos meus sonhos impios...
Dá-me um pouco dessa agua abrasada — dos rios
De luz que tens no olhar e onde o amor se desfralda !

Dá-me essa bocca em flor com que a minha humedeces!
Enche-me a vida, o olhar ! Calma-me a febre louca
Com esse cantaro bom, cheio de riso e preces !

Dá-me esse vinho excelso — o licor de teus beijos !
Mata-me a sêde cruel ! Entrega-me tua bocca
Para o gozo immortal de todos os desejos !

TUA ESSENCIA

Evola-se no ambiente a delicada essencia
Do teu corpo de flor, dessa carne cheirosa,
Que acaricia e envolve a tua alma de rosa,
Fragil, leve, subtil e rica de innocencia.

Cada nuvem que passa esgarça-se e, chorosa,
Derrama em cada flor, da etherea lactecencia,
O nectario licor que vale uma existencia
A cada rosa que abre a corola mimosa.

Quizera ao menos ser um pequenino arbusto,
Para absorver, sentir o teu perfume suave,
Reflorescendo o amor nesse teu corpo augusto!

E abrasando no olor que em meu desejo entorna,
Sentir esse calor immaculado de ave
Na ambrosia lyrial de tua carne morna.

ORAÇÃO Á CARNE

Carne que adoro, carne voluptuosa,
Carne que esconde o fructo desejado,
Quero sentir-te na afflicção viciosa,
Meigo botão fragillimo de rosa
Devorado nas ancias do peccado.

De ti, de teu calor, de teus sentidos,
Toda a seiva do amor gera e rebenta,
Se fremes em mil beijos incendidos,
Na concretisação dos teus sentidos
Gera-se a vida, vive e se alimenta.

Se não fossem teus gozos que seria
Da existencia sem seres, deste mundo ?
Um deserto sem luz, sem poesia,
Sem vida, sem amor, — alma vasia
Atirada a um pelago profundo.

Carne que inspira, carne que extasia,
Carne cheia de aroma e de anciedade.
Relicario de gozo e de alegria,
Altar do amor, onde se refugia
A devoção de toda a humanidade.

ANCIA

(Ao Antovila Vieira)

Fidalga cortesã de tumidos contornos,
Alma de meu silencio, halos de minha treva;
Estende para o céo teus lindos braços mornos
E unta de beijo e luz todo o teu corpo de Eva !

Embebe o olhar no Azul, favo de mel robusto !
Trunca no teu desdem toda a gloria de Milo !
Requebra os teus quadris, mulher de roseo busto,
Para que eu possa, rindo, adormecer tranquillo !

Saracoteia ! Dança em requebros ardentes !
Rodopia esses pés de setinosas rupias;
Abre a bocca, sorri ! solta teus beijos quentes,
Na ancia sacramental de todas as volupias !

Desdenha das paixões ! Rasga em teus dedos finos
Meu doido coração cheio de amor e fé !
O amor é sempre o amor ! Teus beijos são divinos...
Despe teu corpo em flor como o despiu Phriné !

O que me acorda o genio, o que me faz artista
E' o desejo pagão que existe entre nós dois...
Fidalga Salomé : eu sou teu João Baptista,
Decepa-me a cabeça e beija-me depois !

ANJO

Nessa etheral delicadeza de anjo
O meu orgulho se espiritualiza.
Em ti, em teu olhar, a alma divisa
Toda a grandeza desse amor que esbanjo.

Harpa fidalga que nervoso tanjo
Na dor eterna que me martyrisa...
A tua sombra se tornou precisa
Aos pobres versos que sentido arranjo.

Vives na gloria do meu sonho triste,
Para o mysterio do que não existe,
No amor immenso com que me transbordas...

Harpa fidalga de intimos segredos :
Que mãos nervosas, que nervosos dedos
Poderão sacudir as tuas cordas ?...

TEU ANDAR

Andas, e em teu andar de passaro fidalgo,
Animas sem querer,
Esta doida impressão que em meus sonhos regalgo
E que não sei dizer.

Anda a graça a cantar ao lado da harmonia,
E a tua carne em flor,
Tão leve, tão macia,
Tem um quê de attrativo e um quê de tentador.

Saltitando, lascivos,
Eu vejo aonde o olhar em fogo se intromette,
Dois passaros captivos
Procurando romper o azul de teu corpete.

Atravez do setim, formas e linhas raras,
Num extranho bailar,
Desenham-se tão bem, tão nitidas, tão claras
Que não posso explicar!

E delicado, e suave,
Teu corpo de mulher,
Ascende em meu instinto um desespero grave,
Um mal-estar qualquer !

Um suave querer que eu mesmo não comprehendo
Nesse mysterio enfim !
Mas, soberbo de ti, os teus requebros vendo,
Sinto que o coração pulsa fora de mim.

EVOCAÇÃO

Vae, sonho meu ! Vae num sereno adejo
Grinaldado de franças e neblinas !
Vae dizer a Clariz que o meu desejo
Paira no espaço em tremulas surdinas !

Vae num reflexo de etheral lampejo !
Sobe ! escalando as amplidões divinas !
—Leva do amor o doloroso arquejo !
—Dos meus olhos as bagas crystalinas !

Beija-lhe o vulto, adora-lhe o repouso,
Rouba-lhe a essencia de anjo victorioso
Na luz eterna de infinita aurora...

Lembra-lhe tudo ! Dize-lhe que, a esmo,
Vivo desconhecido de mim mesmo
A procural-a pela vida em fora !

PARA QUE?

Eu entrei pela vida assim como quem entra
Numa tapera esconsa, abandonada, a esmo...
Em tudo que me abala e na alma se concentra,
Eu perco a cada instante a noção de mim mesmo.

Quem sou?... Pergunto a tudo... A vida me responde:
Um extranho Caim para o eterno flagicio...
Folha que o vento leva e sem saber para onde,
Sem deixar da existencia o mais ligeiro indicio.

Um renegado ser! — me diz a consciencia:
Nascido para o mal das entranhas de alguem...
Um átomo de pó, sem luz e sem tendencia,
Para morrer depois, sem conhecer o bem.

AGONIA SUPREMA

I

Paira em tudo um languor de secreta agonia,
Um intimo pungir de prantos indescriptos.
O amor anda a gemer em cada planta esguia
Numa interpretação de extremos infinitos.

Emquanto o tedio cruel de occulta nostalgia
Amplexa o outomno em flor de dolorosos ritos,
Na alma de cada folha anda uma angustia fria
Numa vaga expansão de espasmos esquesitos.

E' a hora do sól posto. Os passaros e os ninhos
Fremem, mudos e sós,na orla dos caminhos,
Num secreto estertor que á nossa alma transmite.

Tudo é tristonho e vão. O céo — frio escrinio mudo,
Parece anniquillar, na agonia de tudo
A divina illusão das cousas sem limite !

II

Cae sobre a languidez dessa agonia louca
A lascivia pagã dos desejos secretos.
A dor passa fremindo em todos os aspectos
Como um beijo a rolar no coral de uma bocca.

Um martyrio indeciso em cada gesto espoca
Extenuando o vigor dos intimos affectos.
O sól esmalta de oiro as azas dos insectos,
Num delirio que mata e uma illusão destróuca.

Surge de cada anceio a hyperbole da vida,
Na agonia triumphal do amor e do peccado,
Cheia de aroma e som, mas tristonha e dorida...

Triumpha o amor immortal de forma sobrehumana,
Fecundando de luz um sonho fecundado,
Numa fecundação que é toda soberana.

QUANDO TU FALLAS

As palavras que brotam dessa bocca,
Num concerto de musicas divinas,
Entram pela minha alma exhausta e ôca
Mornas, fidalgas, tremulas e finas.

Repercutindo a partitura louca
De um semifuzear de harpas eolinas,
Cheias de vibrações que o céo destouca
Na caricia das horas matutinas.

Ouço-as, e ouvindo-as, tremulo, estremece
O coração em delicada prece,
No milagre de extranhos miseréres...

Quando tu fallas, penso, delirando,
Que os anjos do Senhor estão cantando
Nos labios da mais linda das mulheres.

ABANDONADOS

Do nosso amor partiram-se as cadeias,
Quedaram-se os desejos mais supremos.
Para a mesma afflição ambos morremos,
Como duas tristissimas candeias.

Ella — vedando no rubor das veias
As angustias de tudo que soffremos...
Eu — circulado de brutaes ameias,
Na agonia de todos os extremos.

Ambos morremos para o mesmo anceio.
Como quem preso de ardorosas fragoas
Morre trancando o amor dentro do seio...

Occultando nas queixas e gemidos,
Dores perversas, fecundando magoas
Na vibratilidade dos sentidos.

ALVORADA DO AMOR

Quando Aurea dorme, entro em seu recintho,
Mudo, escutando arfar-lhe os seios mornos.
Fico indeciso... Creiam-me que sinto
O meu olhar mordendo-lhe os contornos
Alvos, redondos, languidos, macios,
Sobre os colchões alvissimos e bellos.
Páro... Depois, entre meus dedos frios,
Tento elinhar-lhe os humidos cabellos,
Para melhor sentir o olor, a essencia
De sua carne tumida e cheirosa;
E fico a meditar nessa imprudencia
De macular esse botão de rosa.

No instincto brusco e doido de meu sexo,
Rola um mysterio que jámais comprehendo.
Toda a minha alma a divagar, sem nexo.
Delira, sonha, em gosos se embebendo

No lacivo explendor do claro ambiente
De sua alcova fresca, perfumada.
Sinto-me forte, innabalavel, crente,
Ante o explendor da carne desejada.
Sinto o mundo a meus pés, qual um covarde,
Impotente, vencido, fragil, mudo,
Emquanto o meu olhar vae sem alarde
Mordendo-lhe os contornos de velludo..
Numa insaciavel sêde de matal-a
Em meu desejo desvairado e franco
Tomo-a nos braços, para assim beijal-a..
Eis que desperta...
O cortinado branco
Nos occulta da luz clara, vibrante...

. . . . . .

Ella, sorrindo, rola nos meus braços...

. . . . . .

Em nossa carne viva, palpitante,
Triumpha o amor num turbilhão de abraços...

INDICE

Velho tronco 61
Arvore 63
Atôa 65
O Solimões 67
Patria 69
Sertaneja dos dos bons dias 73
Canto novo 75
Vertigem 77
Saudade 79
Eterna chamma 83
Isis 85
Um dia 87
Amor incomprehendido 93
Desesperança 95
Anima méa 97
Guerra Junqueiro 101
Amor platonico 105
Visão de meu silencio 107
Mentira rubra 109
Revoltado 111
Noite de insonia 113
Justiça do odio 115
Maldictos 117
Morta 119
Hermes Fontes 123
Dôr mutua 125
Natal de um funccionario 127
Para que prantos ? 129
Blasfemias 131
Fallando a meu coveiro 133
Bendicto seja 135
Gloriosa ascenção 137

Alvoradas 141
A caveira 145
Elogio a uns olhos 149
Samaritana 151
Tua essencia 153
Oração á carne 155
Ancia 157
Anjo 159
Teu andar 161
Evocação 163
Para que 165
Agonia suprema 167
Quando tu fallas 171
Abandonados 173
Alvorada do amor 175

ERRATA

No penultimo verso da pagina 85, onde se lê:—

"Parece que o amor reuniu dentro de sua falla"

leia-se:—

"Penso que o amor reuniu dentro de sua falla"

camisas redonas de
[illegible] impresa. o
pajaro

Mercedes Cabrinha

Btca

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA